



NOVAS FORMAS DE SER PRÍNCIPES E PRINCESAS: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS

Priscila Natalícia Bernardo¹
Juliana Graziella Martins Guimarães²
Silmara Aparecida Santos³

Resumo

Este estudo consiste na problematização do registro de um projeto realizado pelo Pibid Pedagogia-gênero e sexualidade, da Universidade Federal de Lavras, com a pretensão de emergir novas possibilidades para a desconstrução de padrões idealizados de gênero. Por meio de um material empírico que se constituiu de falas, observações, oficinas e registro em diário de bordo foi abordada a temática que o grupo Pibid carrega como sobrenome. As imagens de príncipes e princesas foram utilizadas para instigar a desconstrução de padrões idealizados que transitam pelos discursos, e que socialmente ditam ações e padronizam formas de ser menino e menina. Assim, destaca-se a relevância de ações com vistas a problematizar o que encontra-se posto, interconectando resistências por meio de pequenas revoluções diárias.

Palavras-chave: Gênero, sexualidade, oficina e Pibid.

Para começo de conversa... Apresentamos o PIBID Pedagogia- Gênero e Sexualidade

As experiências do PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência trazem possibilidades para problematizações por meio dos mais diversos aparatos culturais, inserindo no espaço da escola a oportunidade de assuntos velados e silenciados, como gênero e sexualidades.

O grupo PIBID reitera os objetivos do presente texto: Possibilitar novas formas de articular na prática pedagógica as temáticas de gênero, problematizando a imagem social do masculino e do feminino, neste caso específico, representada pelas figuras de príncipes e princesas, possibilitando novos olhares das crianças para os padrões idealizados⁴ que são comuns em histórias que envolvem tais personagens.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Lavras. Graduada em Pedagogia. Ex-bolsista do Pibid Pedagogia Gênero e Sexualidade. Integrante do grupo de pesquisa Relações entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente - Fesex.

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Lavras. Graduada em Pedagogia. Ex-bolsista do Pibid Pedagogia Gênero e Sexualidade. Integrante do grupo de pesquisa Fesex.

³ Mestra em Educação pela Universidade Federal de Lavras, Graduada em Letras, Ex-bolsista do Pibid Pedagogia Gênero e Sexualidade. Integrante do grupo de pesquisa Fesex.

⁴ Os padrões idealizados compreendem aqui as demarcações sociais da forma de ser menino ou menina. Observamos esses limites em divisões de brincadeiras, e também nas brincadeiras coletivas, onde podemos observar meninos e meninas brincando de casinha, mas os meninos sempre saem para o trabalho e as meninas são responsáveis por cuidar da casa. As roupas e brinquedos também apresentam um discurso muito forte sobre o que se espera de um menino (forte, aventureiro, que gosta de brincadeiras desafiadoras) e de uma menina





Em cena... As crianças! Nossas parceiras na produção de conhecimento.

As crianças vivem em ambientes repletos de estímulos culturais dos mais variados tipos, em casa, na escola, em passeios e em quaisquer outros lugares que frequentam. Assim, sabemos que os discursos repetidos podem culminar em uma forte influência na construção das subjetividades⁵ de meninos e meninas. A subjetividade diz respeito ao que o filósofo francês Michel Foucault, define como “uma ontologia de nós mesmos, da constituição histórica de nosso ser”, ou seja, as formas de subjetivação são as práticas da constituição dos sujeitos (CASTRO, 2009, p. 204). Assim, o objeto de estudo e problematizações são a representação de príncipes e princesas, habitantes do imaginário das crianças, que vislumbram por meio de histórias nas quais belas e frágeis donzelas vivem à espera do forte e corajoso príncipe para salvá-las.

Chamando para a conversa: o referencial teórico

As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras (LARROSSA, 2002, p. 21).

Assumir as temáticas de gênero implica navegar por uma relação de saber, poder e verdade que historicamente constituem os sujeitos. Requer a compreensão de que não nascemos prontos/as, e que nos constituímos em decorrência do contexto histórico no qual estamos imersos. Joan Scott explica gênero como “uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres” (SCOTT, 1991, p.4). Ampliando ainda mais a compreensão de gênero e sua relação com os contextos vividos pelos indivíduos e suas complexidades, Dagmar Meyer (1993) menciona que:

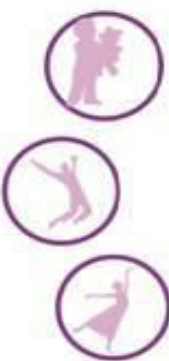
Todas as formas de construção social e cultural implicadas nos processos que diferenciam homens e mulheres, incluindo aquelas construções que produzem os corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos femininos e masculinos. O conceito de gênero passa a focalizar exatamente o caráter construído dessas distinções - biológicas, comportamentais ou psíquica-percebidas entre homens e mulheres (MEYER, 1993, p.7).

Quais atitudes cabem nas fronteiras da normalidade? Segundo Edgardo Castro (2009) o pesquisador Michel Foucault define a normalização como:

(frágil, delicada, que prefere participar de brincadeiras calmas, e está sempre de vestido ou uma roupa cor de rosa).

⁵ No dicionário de Foucault, o termo subjetividade é definido como as formas da relação consigo mesmo, as técnicas e os procedimentos mediante os quais se elabora essa relação, os exercícios pelos quais o sujeito se constitui como objeto de conhecimento, as práticas que permitem ao sujeito transformar seu próprio ser” CASTRO, Edgardo (2009, p. 409).





[...] a normalização descreve o funcionamento e a finalidade do poder. A realização de tal objetivo, no entanto, ainda que tenha alcançado uma extensão notável, nem por isso é hegemônica; deve enfrentar-se com os movimentos de luta e questionamento (CASTRO, 2009, p. 9).

Partindo desse pressuposto, podemos entender os discursos de normalizações também como uma construção histórico-cultural, que se relaciona diretamente na forma como percebemos o mundo e como lidamos com o outro na sua diferença. Esse lidar com o diferente esteve entrelaçado no projeto nos mais diversos momentos de interação das oficinas, seja em desenhos em grupos, em exposição de falas nas rodas de conversas ou na construção de histórias coletivas. Silvio Gallo (2012, p. 17) incita a pensar: “o que é o outro e o que é o eu? Depende do ponto de vista de quem pergunta, depende do momento em que é feita a pergunta.”

Nesse emaranhado de possibilidades de (re)pensar o eu e o outro, ou um novo eu e um novo outro, foi que apresentamos diversas maneiras de ser príncipes e de ser princesas, em momentos históricos e contextos sociais diferentes, para que as crianças compreendessem ao seu modo, que “o outro é a condição de possibilidade, a condição de que meu mundo seja possível, na mesma medida de que o dele também o é. O outro é a manifestação da multiplicidade, das múltiplas atualizações das inúmeras virtualidades” (GALLO, 2012, p. 16).

O campo... O chão da escola como espaço de (re) descobertas

As oficinas aconteceram em duas turmas de primeiro ano e uma turma de terceiro ano do ensino fundamental. Vera Candau (1999), compreende a oficina como um espaço coletivo no qual acontece desconstrução e (re) construção de saberes no compartilhar e na socialização de experiências e conhecimentos, estimulando a reflexão sobre o que as pessoas envolvidas fazem – jogam e brincam – em seu dia a dia.

Foram utilizados aparatos culturais da literatura infantil, sendo eles: *O Príncipe Cinderelo*, *Chapeuzinho Amarelo*, *Chapeuzinho Vermelho em uma aventura borbulhante*, e o vídeo *A Princesa Pantaneira*. De acordo com a pesquisadora Constantina Xavier Filha (2009, p.72), os aparatos culturais contemplam revistas, livros, mídia, cinema, brinquedos, e, “produzem significados, ensinam determinadas condutas às meninas e aos meninos”. As falas, bem como as histórias coletivas produzidas, foram registradas em relatórios de cada oficina.





Tecendo gênero em oficinas: adentrando no campo dos devires

A construção coletiva perpassa por trocas, discussões e aceitação da opinião do/a outro/a. E no desenrolar da atividade, as crianças tiveram que lidar com expectativas diferentes para o mesmo objetivo, gerando certo desconforto em algumas situações. Nesse movimento, as crianças tornam-se autoras das seguintes histórias:

Quadro 1 – História criada pelo 1º ano A

O PRÍNCIPE E A PRINCESA VIAJANTES EM UMA AVENTURA MUITO LOUCA

Era uma vez uma princesa que se chamava Érika. Ela usava vestido e morava em uma casa no Japão. Érika gostava de passear no campo, onde tinha muitas borboletas e também gostava de brincar com os bichos que viviam por lá.

A princesa sempre ia de carona para o campo com alguém de moto. Um dia ela pegou carona com um rapaz que se chamava Eduardo. A princesa gostou do Eduardo e ele gostou dela. Então eles resolveram ir comer sanduíche.

No outro dia, eles marcaram um encontro as sete horas [da noite]. Se encontraram num show de rock. Eles pularam tanto que Eduardo caiu por cima da Érika e os dois se beijaram.

Como Eduardo era muito baixinho, ele tomou um comprimido para crescer. E isso durava para sempre.

Os dois viajaram juntos para Nova York, esquiararam nas montanhas e depois foram passear o deserto do Saara. Passaram as férias no Hawaí. Arrumaram um emprego de artistas e foram trabalhar nos shows do Gustavo Lima. Fim!

Quadro 2 – História criada pelo 1º ano B

OS DOIS IRMÃOS

Era uma vez um príncipe e uma princesa que eram irmãos e moravam em uma casa na cidade de Lavras. A princesa se chamava Pérola e o príncipe Pérolo.

Os irmãos gostavam de brincar no jardim, jogar futebol, assistir DVD e comer pipoca. Todos os dias, pérola e Pérolo iam para a escola de van.

Quando eles fizeram 18 anos, eles foram para a faculdade porque queriam trabalhar. Pérola queria ser professora e Pérolo queria ser mecânico.

Pérola arrumou um namorado que se chamava Fernando, namorou quatro dias com ele e se casou. Pérolo namorou com uma moça chamada Larissa e foi morar com ela na Argentina. Nunca mais voltaram.

Pérola agora é velhinha e anda de bengala. Mora em São Paulo, tem um filhinho chamado Felipe e é muito feliz por lá. Fim!

Quadro 1 – História criada pelo 3º ano A

A PRINCESA SALVADORA

Era uma vez uma princesa que se chamava Gabriela. Ela era muito forte e corajosa e morava em um hotel em Belo Horizonte.

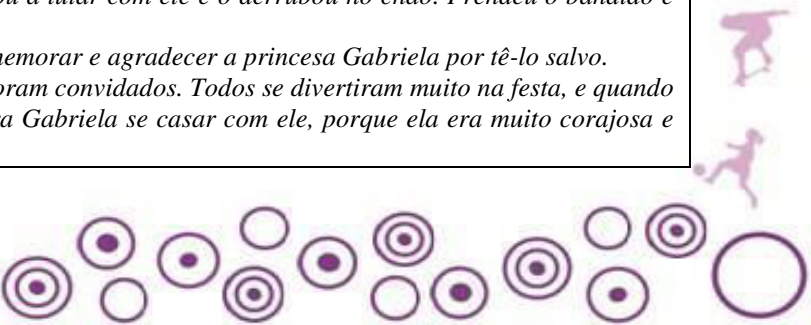
Certo dia, um príncipe chamado Rafael foi preso por um homem chamado José, muito malvado, que usava um tapa olhos e que sentia inveja do príncipe Rafael por ele ser tão bonito.

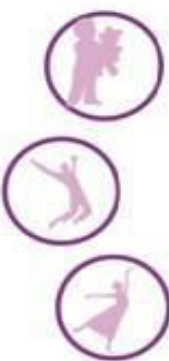
Gabriela viu quando tudo aconteceu e se escondeu atrás de uma árvore, como ela era muito corajosa, esperou José se distrair, pegou uma faca e libertou Rafael.

Quando José percebeu, Gabriela começou a lutar com ele e o derrubou no chão. Prendeu o bandido e chamou a polícia que levou José preso.

O príncipe Rafael fez uma festa para comemorar e agradecer a princesa Gabriela por tê-lo salvo.

A festa foi na praça e todos os vizinhos foram convidados. Todos se divertiram muito na festa, e quando todos foram embora, o príncipe Rafael pediu para Gabriela se casar com ele, porque ela era muito corajosa e poderia protegê-lo para sempre.





Gabriela aceitou o pedido. Os dois se casaram e tiveram um filho que se chamava Yuri e uma filha que se chamava Sofia. Fim!

Quanto borbulhar de ideias nas falas de meninos e meninas. Quanto despertar para novas formas de ser e existir no mundo. Nesse sentido, Xavier Filha (2011) nos fala que:

Esse tipo de análise é importante por mostrar como e quanto alguns conceitos são legitimados, constituindo a única verdade. Isso se deve ao investimento das relações de poder que, ocorrendo em rede, estabelecem algo como o ‘correto’ e, portanto, afetam e capturam os sujeitos, constituindo subjetividades (XAVIER FILHA, 2011, p.10).

Nas entrelinhas das discussões geradoras e das histórias criadas, identificamos como o processo de internalizar novas possibilidades confronta com discursos socialmente delimitados. Assumir novas condutas fugindo da normatização de certo ou errado que há muito foram impostas e aceitas, implica em transgredir na maioria das vezes a própria história. Subjetivar as experiências vividas, portanto, demanda tempo e a continuidade de oportunidades de desconstruir as verdades que repousam nos diversos aparatos culturais.

A sexta e última oficina, foi um momento de muitas declarações e conversas. As crianças foram convidadas a dizer o que aprenderam sobre príncipes e princesas. As falas:

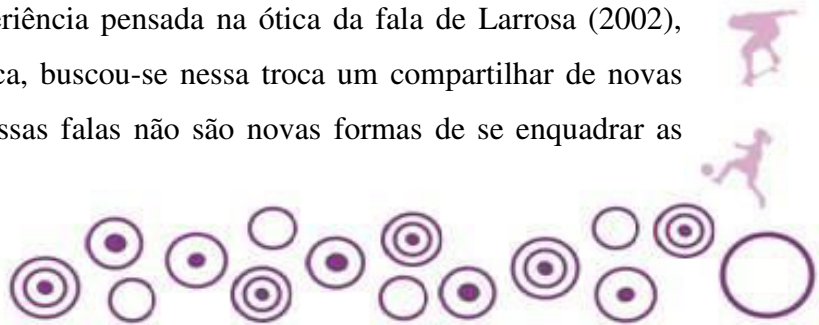
*Princesa também pode salvar príncipe, porque mulher também é corajosa (G.).
Eu achei legal as histórias diferentes, mas eu ainda gosto mais da princesa de vestido (D.)!
Eu gostei das histórias diferentes porque os príncipes e as princesas parecem mais com a gente (R.)!*


As falas, desenhos e histórias foram registros de conversas e geradoras de problematizações de momentos em que, intencionalmente buscamos permitir novos questionamentos.

Algumas considerações finais

Muitos olhares foram transformados, não somente o das crianças, mas daqueles e daquelas que presenciaram a vivência de novas experiências e descobertas. Emergimos juntos e juntas contemplando novas perspectivas para as crianças (re) pensarem nas delimitações sociais estabelecidas, e ampliamos as estratégias para um trabalho pedagógico que abra espaço para outras possibilidades de processos educativos, questionamentos, (re)configurações de discursos e uma prática que contemple o constante movimentar de ideias.

Retomando então a palavra experiência pensada na ótica da fala de Larrosa (2002), como aquilo que nos passa, que nos toca, buscou-se nessa troca um compartilhar de novas possibilidades, mas reafirmando que nossas falas não são novas formas de se enquadrar as





atitudes, mas ferramentas para se (re) pensar as ações que (re) produzimos e resistir frente as verdades absolutas que desaguam como normas para se viver em sociedade.

Referências

CANDAU, Vera Maria. Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos: Educação em direitos humanos uma proposta de trabalho. Rio de Janeiro: Novameria/PUC-Rio, 1999.

Disponível em:

<http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_edh_proposta_trabalho.pdf>

Acesso em Abr. 2009.

CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2009, 409 p.

GALLO, Silvio, Imagens do outro na filosofia: O desafio da diferença. Revista Dossiê, Campinas. 2012, n.14, pp.160-178. ISSN 676-2592.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. 2002, n.19, pp. 20-28. ISSN 1809

MEYER, Dagmar Esterman. Gênero e educação. Teoria política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana. Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo em educação. Petrópolis: Vozes, 2003, p.7

SILVA, Ricardo de Castro e Silva. As sexualidades e as infâncias nas(das) escolas de educação infantil. In: RIBEIRO, Cláudia Maria (org). Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da educação infantil. Lavras. UFLA, 2012, p.221.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tadução Cristiane Bubine Debot; Maria, Betânia Ávida. Recife, 1991, p.4.

XAVIER FILHA, Constantina. Sexualidade(s) e Gênero(s) em artefatos culturais para a infância: Práticas discursivas e construção de identidades. In: XAVIER FILHA, Constantina Xavier. Org. Educação para a Sexualidade, para a Equidade de Gênero e para a Diversidade Sexual. Campo Grande, MS; Ed. UFMS, 2009, p.72.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira

Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

